

MITOS E CRENÇAS SEXUAIS: UMA QUESTÃO CULTURAL

CARDOSO, Gessi Maria¹

LAZZAROTTO, Elizabeth Maria²

O objetivo de estudo voltou-se as “concepções sobre sexualidade e representações quanto aos mitos e crenças sexuais”. A especificidade do objeto do estudo conduziu a opção pela vertente qualitativa da pesquisa, ou seja para se captar as concepções dos sujeitos sobre sexualidade. Os objetivos do estudo referiram-se a identificação de mitos e crenças sexuais verbalizados pelos sujeitos, bem como, a construção de concepções sobre sexualidade, a partir dos depoimentos obtidos. A idéia de sexo vem carregada de significados como: expectativa, satisfação, prazer, perigo, curiosidade, proibição, medo, insegurança, carinho, paixão e pecado. Do ponto de vista do conhecimento dos acadêmicos sobre sexualidade, pode-se concluir que os estudantes confirmaram algumas contradições em certos aspectos, demonstraram tendência à superação de preconceitos e idéias tradicionais; em outros ainda estão presentes valores arcaicos e tabus aliados às questões que envolvem a sexualidade.

Palavras chaves Mitos e crenças sexuais

Introdução

A ignorância a respeito da compreensão deturpada das funções e das estruturas sexuais propiciou um rico solo para o florescimento dos mitos, muito dos quais sobrevivem até nossos dias. A sexualidade humana é uma realidade complexa, íntima e pessoal, ao mesmo tempo em que, preceitua Panizza (1987), envolve, abrange, penetra e dinamiza a pessoa humana como um todo em sua unidade de ser.

¹ Prof: - Auxiliar, docente no Curso de Enfermagem. Unioeste/Campus de Cascavel/PR. Rua Pres. Bernardes, Apto 502, n.2397. CEP: 85810-130. E-mail: gessime@terra.com.br. Fone: (045) 223 2534

² Prof: - Auxiliar, docente no Curso de Enfermagem da Unioeste/Campus de Cascavel/PR. Pesquisadora do GPCP - Grupo de Pesquisa em Comportamento Político.

A influência da cultura é tão marcante que Pernetta (1983) registra que a personalidade mergulha suas raízes no ambiente cultural em escala consideravelmente maior que na estrutura cromossômica, atribuindo à educação uma força maior que a da própria natureza humana. O jovem não se despe de sua sexualidade para adentrar num Curso Superior, pois traz consigo as influências oriundas de um processo cultural reinante na família e/ou sociedade onde vive.

Este caráter repressivo oriundo da civilização tornou o homem hesitante na sua sexualidade, acarretando como tributos, os preconceitos, inibições e dogmas religiosos e, a cultura tem sido responsável pelo tabu sexual e, por isso vem suscitando barreiras para a descrição desta com clareza, fenômeno que se reflete na educação. Conceição (1988, p.74), complementa dizendo que “os tabus e preconceitos estão nas pessoas de qualquer idade e condição sócio-econômica e cultural, acentuando-se mais naquelas que seguem uma religião”. Em contrapartida “a revolução sexual promoveu a divulgação de uma nova moral, estimulou os jovens para a vida sexual ativa, mas não preparou a sociedade para receber essas mudanças”.

O objetivo do estudo foi identificar concepções sobre sexualidade e representações quanto os mitos e crenças sexuais verbalizados pelos sujeitos. Este estudo trará benefícios potenciais para os trabalhadores da área de saúde e de educação, que se dedicam a cursos de capacitação e sensibilização em sexualidade humana. Identidade sexual é a percepção do ser homem ou mulher que cada um tem a seu respeito e, advém de uma relação internalizada de cada pessoa consciente ou inconsciente com o seu mundo externo.

Em relação ao sexo, Vasconcelos (1985) classifica em três sentidos: sexo enquanto realidade humana (o homem pode escolher como viver seu sexo); sexo enquanto divisão sexual (masculino e feminino); sexo enquanto atividade sexual (contato genital).

A sexualidade para Boechat e Castro (2000) “é o conjunto dos fenômenos da vida sexual. Um conjunto de sentimentos, ligados a sensações e comportamentos que une as pessoas, envolvendo a emoção, o afeto e a energia”. A visão da sexualidade conceituada por Panizza (1987), também converge a de Suplicy (1994), ao destacar que acredita no sexo como função biológica natural e, condena, por isso a maioria das atitudes sociais, em relação à sexualidade, visto que se manifestam de forma irracional, baseadas na

culpa e na repressão, o que leva a conseqüências negativas para o indivíduo na sua convivência social. Esta dimensão tem como respaldo o complexo de padrões de cultura, expresso geralmente pelas crenças, valores, comportamentos originários de fatores sociais, civilizatórios e até mesmo, intelectuais. Cultural, oriunda do processo reinante na família e/ou sociedade onde a pessoa vive.

Mitos e Crenças Sexuais

Os mitos e valores fundamentais de cada sociedade predeterminam sua concepção do corpo e da sexualidade humana, eles correspondem às diferentes visões de realidade que as várias culturas incorporam na religião, no folclore e na arte e que deixam sua marca indelével em todo o espectro da atividade humana. (HIGHWATER, 1992). O mito é um poderoso meio de comunicação que funciona como uma história simples e simbólica envolta em um número ilimitado de associações muitas vezes inconscientes.

A sexualidade é uma manifestação psico-afetiva individual e social que transcende sua base biológica e cuja expressão é normalizada pelos valores social e suscetível às influências culturais. Corroborando com o exposto, Suplicy (1994) afirma que a questão da sexualidade mudou tão rapidamente, nas últimas décadas que dificultou a construção de um sistema de valores. Para se lidar com a sexualidade do outro precisamos nos defrontar com nossa sexualidade, situação esta que pode gerar angústias e conflitos existenciais. Fragmentar o ser humano em sexuado e assexuado limita a sexualidade a um conceito abstrato e reduz sua expressão a uma manifestação genital ou reprodutiva.

A sexualidade se encontra presente em toda a vida e está circunscrita por um, contexto histórico-cultural-concreto determinado pelos costumes, tradições e valores. Cultura é um conjunto de valores, crenças, normas e práticas de vida de um determinado grupo, aprendido, partilhado e transmitidos, que orientam o pensamento, as decisões e ações, de maneira padronizada.

Highwater (1992) diz que o “que dá forma à sexualidade são as forças sociais. Longe de ser a força mais natural da nossa vida, é de fato a mais suscetível às influências culturais” (p.15). Observa-se que a repressão dos impulsos sexuais precoces é qualiquantitativamente, determinada pelo modo que os pais encaram a sexualidade. A ligação autoritária do pai sobre o filho, supera a sexual, atuando como uma poderosa

inibição entre o interesse sexual e a realidade. A dissolução posterior dessas ligações dos pais é a condição fundamental de uma vida sexual sadia. Cada cultura designa várias práticas como apropriada ou não, moral ou imoral, saudável ou doentia.

Embora conscientes de que o sexo é algo natural, ainda precisamos aprender que as atitudes e os comportamentos em relação a ele adquirem-se por meio do conhecimento. O mito para Boechat e Castro (2000, p. 23) “...pode ser entendido como uma imagem simplificada de pessoa ou de acontecimento, elaborada ou aceita pelos grupos humanos, e que representa significativo papel em seu comportamento”.

A crença é o ato ou efeito de crer, uma convicção íntima de cada um de nós, já credence é uma crença popular absurda e ridícula. As credences nunca são um fato isolado, sempre se ligam umas as outras e geralmente partem de um pressuposto central.

Em relação a identidade sexual da adolescente, Costa (1986) diz que ao nascer a criança começa a ser moldada para conviver de acordo com a sociedade, a cultura e a família a que pertence. Aprende a agir de acordo com os parâmetros do que é esperado dos indivíduos do sexo masculino e feminino. Autor, entende por papel sexual a adaptação do indivíduo, de modo que ele possa aceitar para si mesmo e demonstrar aos outros sua adequação ou não aos valores sócio-culturais. Este papel é adquirido pela criança por meio de dicas sobre como ela deve ou não se comportar, agir/reagir, segundo seu sexo.

O elenco de regras e valores da educação sexual dos adolescentes, e a cultura também impõem a maneira pela qual os indivíduos se submetem ou se distanciam de um princípio de conduta; pela qual obedecem ou resistem a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores.

As investigações sobre a sexualidade do adolescente em vários países revelam duas posições semelhantes, “...de um lado a evidência de quão rudimentar é ainda o grau de esclarecimento, sobre a vida sexual que possuem os adolescentes contemporâneos e - o que mais nos causa espanto”, observa-se “como é universal essa precariedade de informações, independentemente do nível sócio-econômico ou das vertentes culturais”, segundo Osório (1992, p.41).

Os mitos e tabus são perpetuados pela sociedade no sentido dos educadores possuírem frustrações em relação à sua vida sexual e sexualidade, com isso, assumem uma atitude fechada e silenciosa em relação à sexualidade feminina. Os jovens também são

responsáveis pelos mitos e tabus serem imortais por várias gerações, pois a maioria deles se acomoda e se contenta com apenas o que lhes é repassado pelos educadores sexuais (pais, escola), sem questioná-los ou verificar na literatura existente o grau de veracidade ou falsidade de tais informações. Todas as crenças e atividades humanas advêm de uma mitologia subjacente - metáforas que dão forma a fantasias e paradigmas que influenciam profundamente todos os aspectos da nossa vida, determinando nossas atitudes acerca da realidade, acerca do mundo e de nós mesmos.

A educação sexual dos adolescentes não depende apenas do preparo dos educadores ou do despertar dos jovens para a sua sexualidade, mas também depende do contexto em que está imerso, ou seja, por quais idéias científicas, religiosas e filosóficas está sendo educado. Segundo Foucault (1984), a educação sexual constitui uma experiência em que os adolescentes são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma sexualidade que abre para campos de conhecimentos bastante diversos, e que se articula num sistema de regras e coerções.

Material e Métodos

O presente estudo desenvolveu-se em 3 etapas: Na primeira formulou-se a fundamentação teórica, para em seguida se realizar a pesquisa de campo e análise dos dados coletados, após, efetuou-se a discussão teórica com os dados analisados.

A pesquisa de campo realizou-se através de estudos exploratórios e descritivos combinados e entrevista semi-estruturada Na opinião de Lakatos e Marconi (2001, p.194) a entrevista semi-estruturada, consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele.

A pesquisa de campo foi realizada na Unioeste/Campus de Cascavel, com acadêmicos das primeiras séries dos Cursos da área da Saúde, de ambos os sexos. A população constou de acadêmicos das 1^{as} séries dos cursos da área de saúde, com uma mostra aleatória de aproximadamente 25 elementos que compõe o universo, cuja seleção atendeu os seguintes critérios: seleção foi realizada de forma causal, entrevistando um elemento de cada curso por vez, iniciou-se pelos sujeitos com maior disponibilidade de tempo e interesse de participar da pesquisa.

Para o desenvolvimento da pesquisa, observou-se o aspecto ético estabelecidos na Resolução 196/96, Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos (BRASIL, 1996).

As entrevistas foram individuais, com duração de 30/40 minutos. Gravaram-se e transcreveram-se as entrevistas. Os dados coletados foram analisados numa proposta de interpretação qualitativa denominada por Minayo (2000, p.68) como “método hermenêutico-dialético, no qual tem como ponto de partida o interior da fala e como ponto de chegada o campo da especificidade histórica e totalizante que produz a fala”.

Análise e Discussão

Para a análise dos conteúdos utilizou-se três etapas cronológicas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Na pré-análise procurou-se operacionalizar e sistematizar as idéias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. Cumprida esta tarefa avançou-se à exploração do material, e operou-se codificações, desconto e enumeração. Na seqüência são descritos os códigos utilizados:

Código I - Sexo e Sexualidade: “Sexualidade é a complementação de uma vida saudável, é a maneira de você expressar seus sentimentos, seu amor por outra pessoa”. “Sexo é uma coisa prazerosa, só que deve na minha opinião ser feita com uma pessoa em quem se tenha confiança e usando a camisinha”. “Sexualidade vai além do próprio ato sexual, é uma cumplicidade entre duas pessoas”. “Sexo é quando uma pessoa se mostra atraída e tem mentalidade para assumir tal ato”. “Sexo é a realização de teus prazeres carnis, não envolve emoções, nada. O sexo complementa a sexualidade...”.

Código II - Virgindade: “Hímen jamais prova de que a mulher é virgem. Às vezes ela já se masturbou, fez o mesmo com o namorado, fez sexo oral, anal, mas ainda tem o hímen. É uma coisa cultural, que vem de séculos, carregada de tabus e valores que se prendem como verdades”. “A virgindade esta mais na cabeça das pessoas, esta relacionada ao caráter, a mentalidade das pessoas. Virgindade já está superada, porém os homens ainda querem mulheres virgens, submissas e que se guardem para eles”. A virgindade sempre foi um tabu, eu porém, acho importante a mulher conservar a sua virgindade como um marco em sua vida. Eu defendo isto e sou a favor da virgindade”.

Código III – Homossexualismo: “É uma opção sexual, porém eu não aceito numa boa, só entre homens”. “Não é doença, nem pecado, é apenas uma opção sexual. Se uma pessoa não se sente feliz com alguém, ela tem direito de viver com pessoas do mesmo sexo”. “Eu já tive preconceito até conhecer um amigo que namora outro homem, ele é homossexual, porém ele tem um caráter muito bom, pessoa maravilhosa, e é muito mais gente boa que muitos que eu conheço”. Homossexualismo é coisa errada, é depravação, detesto e tenho nojo de pessoas homossexuais. “Eu não aceito numa boa, não acho legal... Deus criou os dois sexos e isto não tem lógica, não combina, aquilo não foi feito para isto”.

Código IV - Prazer X tamanho do pênis: “É uma questão cultural, são boatos que acabam se firmando como verdades”. “Para o homem é puro machismo, cada um quer ter o seu maior que o do outro, já a mulher acha que tamanho é sinônimo de prazer”. “Para sentir prazer é preciso saber usar o pênis, fazer carinhos, tocar a parceira”. “O tamanho não tem nada a ver com o prazer, é preciso preparação, sedução, um suspense no ar...”.

Código V - Esterilização definitiva X Prazer sexual: “A esterilização masculina ou feminina não diminui o impulso sexual, isto está na cabeça das pessoas que ligam prazer com reprodução”. “A maioria das vezes você faz sexo em busca do prazer e não de filhos”. “No homem pode acontecer que fique sem tesão por que ele cultua muito seu sexo”. “É um mito que persegue muita gente que pré-conceitua vasectomia e laqueadura só por não poder ter mais filhos”. “As conseqüências no homem são pelo medo que ele tem de ficar impotente se isso acontecer acredito que seja fator psicológico”..

Código VI – Masturbação: “A masturbação não provoca doenças, acho que quem se masturba com uma certa freqüência é porque não tem competência para estar envolvido em um relacionamento”. “Ela altera a duração do ato sexual, interfere no ato sexual. É doença quando é muito fissurado naquilo”. “Não, porque é uma parte do amadurecimento da pessoa, ela está conhecendo o corpo dela. É uma fase que todos passam, é difícil uma pessoa entrar diretamente no sexo sem antes ter se masturbado”. “Masturbação!. E saber que a Igreja condenava como pecado... Minha mãe é que conta. Mas quem sofre com isso é a mulher que sempre foi mais reprimida”. “É um tabu que surgiu como forma de controlar a sexualidade dos jovens, reprimindo o prazer”.

Código VII - Gravidez X Período menstrual: “Algumas mulheres podem engravidar durante a menstruação, porque pode dar um problema hormonal e o ciclo entrar em bagunça e de repente ela ovular”. “Eu acredito que não, porém a mulher pode estar menstruada e ter um óvulo fértil, podendo engravidar, mas é muito raro”. “Pode acontecer a gravidez se o ciclo menstrual for bem pequeno, onde ela pode estar ovulando e engravidar”.

Tabela 1- Distribuição dos dados socioeconômicos da amostra dos acadêmicos pesquisados

Variável	Descrição	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Sexo	Masculino	9	36%
	Feminino	16	64%
Idade	18 a 20 anos	22	88%
	21 a 24 anos	3	12%

Fonte: dados da pesquisa do autor (2000).

A Tabela I nos mostra que 88% dos acadêmicos entrevistados estavam na faixa etária, dos 18 aos 20 anos, período padronizado pelo Brasil (1992) como o intervalo final da adolescência, onde os jovens tendem a adotar valores e atitudes que refletem as crenças de seus pais. É na adolescência que emergem novas concepções de mundo, novos conceito ético, religioso e social.

Tabela 2 - Distribuição do código I sobre sexo e sexualidade da amostra dos acadêmicos pesquisados

Variável	Descrição	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Sexualidade	Como uma forma de amor envolvendo sentimentos e emoções	25	100%
Sexo	Cumplicidade entre duas pessoas	3	12%
	Como cópula, transa, envolvendo atração física	25	100%

Fonte: dados da pesquisa do autor (2000).

Quando perguntado ao sujeitos da pesquisa sobre a diferença entre sexo e sexualidade, obteve-se como resultado, 100% definindo sexualidade como expressão do amor, dos sentimentos e emoções, ao mesmo tempo em que a totalidade também definiu sexo como junção carnal, cópula, momento de prazer. De acordo com Laplanche (1995, p.619) “...sexualidade não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas de toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância”, pois permite “[...] um prazer irredutível à satisfação de uma

necessidade fisiológica fundamental e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual”.

Assim, a sexualidade, segundo Catonné (1994: 16) “é um problema antropológico fundamental. É a partir da dupla polaridade que se reflete como ser no mundo e elabora os símbolos com os quais se constrói a sua existência social”. O autor considera que e a “partir desta dupla polaridade que ele constrói os seus mitos”. Do ponto de vista sexual, o ser humano, sente e expressa o sexo como uma das formas mais profundas de contato entre duas pessoas, independente de mitos, valores e crenças.

Tabela 3 - Distribuição do código II sobre virgindade da amostra dos acadêmicos

Variável	Descrição	Freqüência Absoluta	Freqüência Relativa
Virgindade	Mulher que nunca teve relação sexual, oral ou anal	12	48%
	Como submissão da mulher	3	12%
	Como crença cultural	6	24%
	Concretizada pela presença do hímen	8	32%
	Como forma de liberdade sexual	4	16%

Fonte: dados da pesquisa do autor (2000).

A questão sobre a virgindade feminina é polêmica na literatura existente e, na opinião dos acadêmicos, onde (48%) consideram virgem a mulher que nunca teve nenhum tipo de relação heterossexual, seja sexo vaginal, anal ou oral. Em contrapartida (32%) ainda acreditam que hímen é a única prova concreta da virgindade feminina. As relações sexuais, segundo as influências, judaico-cristã devem ter início num estado de pureza e tranqüilidades morais. “A virgindade é necessária tanto para homens quanto para mulheres”, no entender de Cherman (1996, p.39).

Quanto ao desvirginamento feminino, 32% (trinta e dois por cento) dos entrevistados consideram a perda da virgindade feminina pelo rompimento da membrana himenal, e 48 % mencionam desvirginamento como sexo vaginal, oral e anal, não importando o rompimento da membrana himenal. É importante salientar que 36% da população alvo mencionou desvirginamento como uma crença cultural apoiada na submissão da mulher ao poder masculino; 16% como forma de liberdade sexual. Esse dualismo moral reforça a submissão da mulher e a desigualdade de gênero, onde para o homem tudo é permitido e, para a mulher resta a subserviência, fato este, ainda presente em muitos discursos nos dias atuais. A questão da virgindade, segundo Costa (1986, p.85) “não pode ser

analisada ou entendida dentro de uma visão maniqueísta de certo ou errado, se faz bem ou mal continuar virgem ou deixar de ser”. Isto evidenciaria “uma limitação de conhecimento e incompreensão frente às transformações, que vive a sociedade”.

Tabela 4 - Distribuição do código III sobre homossexualismo da amostra dos acadêmicos

Variável	Descrição	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Homossexualismo	Opção de vida	15	60%
	Doença a ser tratada	9	36%
	anomalia da natureza		
	Tipo de comportamento	3	12%
	Pecado contra Deus	1	4%
	Disfunção hormonal e genética.	7	28%
	Influência cultural.	4	16%

Fonte: dados da pesquisa do autor (2000).

Quanto ao homossexualismo 60% dos entrevistados responderam ser uma opção de vida, uma forma de felicidade e, 36% ser uma doença que precisa ser tratada, uma anomalia da natureza. Somente 28% disseram se tratar de uma disfunção hormonal e genética, e 16% atribuíram a influência da cultura. Um dos entrevistados (4%) disse ser um pecado contra Deus. Os papéis sexuais, que ocupamos na sociedade, são decorrente da nossa formação, social, e espelha os atributos que se designa em ser homem ou ser mulher. São valores comuns que permeiam todas as relações na sociedade e, que apesar de inverdades muitas vezes não são questionados.

Apesar de ser considerado uma opção sexual, o homossexualismo é uma condição que se estabelece após o nascimento, independente de quaisquer determinantes fisiológicos. Até 1974 era tido como uma desordem mental do organismo. Destaca-se que a Associação Psiquiátrica Americana retirou o homossexualismo da lista das doenças, sendo visto como uma preferência ou uma escolha (BOECHAT e CASTRO, 2000).

Segundo Vasconcelos (1994, p.66) “imagens carregadas de conflitos, sedutoras e muito fortes, cada qual com sua carga de qualidades que admiramos e de defeitos que tememos”. A homofobia para Louro (1997, p. 28-29) refere-se ao “medo voltado contra os/as homossexuais, pode se expressar numa espécie de ‘terror em relação à perda de gênero’, ou seja, no terror de não ser mais considerado como um homem ou uma mulher, ‘reais’ ou autênticos/as”.

Tabela 5 - Distribuição do código IV sobre prazer x tamanho do pênis da amostra dos acadêmicos

Variável	Descrição	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Prazer X	Depende do carinho	10	40%
Tamanho do Pênis	Questão cultural	8	32%
	É um mito, um boato	15	64%
	O que conta é o amor	10	40%

Fonte: dados da pesquisa do autor (2000).

Na tabela 5, perguntou-se se o tamanho do pênis interfere no prazer sexual, 64% dos acadêmicos responderam que isto não passa de um mito de um boato, e 40% pontuaram que depende do carinho entre os companheiros e, 40% afirmaram que o que conta é o amor e 32% responderam que isto é uma questão cultural. Os resultados da questão vão de encontro com o pensamento de Boechat e Castro (2000, p.94) afirmando que, se a “mulher estiver tranqüila e certa do ato que vai praticar com certeza estará excitada e relaxada, com isto sua vagina poderá acomodar um pênis grande ou pequeno, uma vez que ela se adapta a qualquer tamanho do pênis”.

A supervalorização do pênis originou o mito de que a mulher não tem as mesmas necessidades sexuais que os homens e que um homem não se satisfaz somente com uma mulher. Uma relação sexual plenamente satisfatória libertará os parceiros das incertezas, angústias, medos e condicionamentos normalmente criados para atender ao desejo de possuir um ao outro, no entender de Cherman (1996). A importância simbólica do pênis sobreviveu até os nossos dias e o mito de que significa força e poder alimenta ainda hoje a pretensa superioridade masculina. Daí vem o mito de que quanto maior o pênis mais macho é o homem (BOECHAT e CASTRO, 2000).

Tabela 6 - Distribuição do código V sobre esterilização definitiva e sua interferência no prazer sexual da amostra dos acadêmicos

Variável	Descrição	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Esterilização Definitiva e Prazer Sexual	Problema psicológico	12	48%
	Problema religioso e cultural	9	36%
	Machismo, culto ao sexo e tabus	5	20%
	Falta de informação/desconhecimento	11	44%

Fonte: dados da pesquisa do autor (2000).

Na questão sobre a interferência da esterilização definitiva no impulso sexual, 48% disseram que não há influência alguma e que se isto vier a acontecer é por problema psicológico e, 36% atribuíram a problema religioso e cultural, já 44% atribuem a

diminuição do impulso sexual a falta de informação, ao desconhecimento sobre o funcionamento do aparelho reprodutor e 20% acreditam que isto tem a ver com o machismo, culto ao sexo e aos tabus criados pelos homens.

Segundo Suplicy (1994), o prazer sexual e o orgasmo feminino estão intimamente ligados e deles depende toda a evolução sexual da mulher, pois sem eles a mulher não consegue se libertar do paradigma de objeto de prazer para satisfazer as necessidades fisiológicas do homem.

Tabela 7- Distribuição do código VI sobre masturbação da amostra dos acadêmicos

Variável	Descrição	Freqüência Absoluta	Freqüência Relativa
Masturbação	Doença/problema psicológico	21	84%
	Faz parte do amadurecimento/pessoas	23	92%
	Isso é um horror, acho que é pecado, algo vergonhoso	7	28%
	Primeiro passo para a iniciação sexual	9	36%
	É um processo normal, instintivo, prazeroso, é a descoberta do corpo	25	100%

Fonte: dados da pesquisa do autor (2000).

Quando inquiridos sobre os problemas causados pela masturbação, 100% pontuaram que é um processo normal, instintivo, prazeroso e serve para a descoberta do corpo; 92% responderam que a masturbação faz parte do amadurecimento das pessoas; e 84% atribuíram a doença e a problemas psicológicos em contrapartida a 28% que responderam ser um horror, pecado, algo vergonhoso, conforme esta transcrita abaixo a fala dos entrevistados: Cavalcanti e Cavalcanti (1992) quanto a masturbação enfatizam que o objetivo do procedimento está menos vinculado ao prazer sexual e muito mais comprometido com o auto-conhecimento do corpo. O auto-erotismo é uma das formas de seres humanos expressarem a sua sexualidade e sentirem prazer.

Tabela 8 - Distribuição do código VII sobre antes da primeira menstruação a menina pode engravidar da amostra dos acadêmicos

Variável	Descrição	Freqüência Absoluta	Freqüência Relativo
Antes da Primeira Menstruação a Menina pode Engravidar	O corpo dela não está maduro para receber um feto dentro do útero	7	28%
Menina pode Engravidar	Não o aparecimento da menstruação indica que a mulher está fértil está ovulando.	12	48%
	Pode, se antes da primeira menstruação, ela passando pelo processo do período fértil.	9	36%

Fonte: dados da pesquisa do autor (2000).

Ao questionarmos sobre se antes de ter sua primeira menstruação a menina pode engravidar, 48% disseram que somente após a menstruação a mulher entra no período fértil e está ovulando; 36% responderam que mesmo antes de ter menstruado a menina já pode estar tendo suas primeiras ovulações e se estiver mantendo relação sexual com seu companheiro poderá vir a engravidar. Em contrapartida 28% argumentaram que o corpo da menina ainda não está maduro para receber um feto dentro do útero.

O tabu da menstruação persiste até nossos dias, muitas vezes disfarçado na aversão pela relação sexual com mulheres menstruadas, outras vezes levando pessoas a fugirem do assunto por vergonha. A menstruação não é sinal de maturidade para relação sexual e sim de desenvolvimento hormonal. Como todo costume sexual é historicamente determinado, não há como dizer, de uma vez por todas, o que é certo ou errado. Falar de sexo é admitir que não existem verdades aceitas como universais e que o caminho mais seguro e também o mais prazeroso é o mergulho em si mesmo na busca de crescimento e amor (BOECHAT e CASTRO, 2000).

Conclusão

Sexualidade é o conjunto dos fenômenos da vida sexual que envolve sentimentos ligados a sensações, emoções, afetos e comportamentos que une as pessoas. A idéia de sexo vem carregada de significados como: expectativa, satisfação, prazer, perigo, curiosidade, proibição, medo, insegurança, carinho, paixão e pecado. É a área da experiência humana mais carregada de preconceitos e que mais acarreta sofrimento, ao mesmo tempo em que traz uma das satisfações mais gratas para o ser humano.

Segundo Parker e Barbosa (1996, p.07) “a questão da sexualidade só foi admitida como um campo de análise política e pesquisa social nas últimas décadas, superando a marginalização e a medicalização a que até então estava relegada”. Porém uma série de mudanças ocorridas nas ciências sociais, aliada aos movimentos “gays”, “feministas”, “lésbicos”, e a temas voltados a saúde reprodutiva masculina e feminina, sexualidade e gênero e mais recentemente a epidemia de AIDS, contribuíram para a construção de um novo entendimento da sexualidade dentro da ciência, da ética e da política.

Do ponto de vista do conhecimento dos acadêmicos sobre sexualidade, pode-se concluir que os estudantes evidenciaram algumas contradições em certos aspectos, demonstrando

tendência à superação de preconceitos e idéias tradicionais; em outros ainda estão presentes valores arcaicos e tabus aliados às questões que envolvem a sexualidade.

Os tabus e preconceitos estão nas pessoas de qualquer idade e condição sócio-econômica e cultural, acentuando-se mais naquelas que seguem uma religião. Embora a revolução sexual tenha promovido a divulgação de uma nova moral, estimulando os jovens para a vida sexual ativa, esqueceu-se de preparar a sociedade para receber essas mudanças.

A busca do discernimento é fundamental para a tomada de decisões. Agir com serenidade, questionando-se criticamente a validade, os riscos e as conseqüências desta ou daquela decisão. Valer-se da autocrítica, do respeito, do compromisso com a responsabilidade e da busca do consenso é rumar para a decisão mais acertada. Compreende-se melhor o sexo quando se observa, escuta e troca-se experiências, ou seja, pelo diálogo existencial. Todos temos problemas sexuais, problemas de relacionamento, dúvidas embaraçosas sobre a sexualidade.

Grande parte de nossa sexualidade nos é expropriada e transformada em regras, leis, modelos que devemos seguir, com o objetivo de esmiuçar fatos, comportamentos e emoções é construir um ser humano mais ajustado, adequado, mais responsável por sua própria existência e capaz de compreender e alterar seu papel. Nesse sentido, o orientador sexual tem o dever de proporcionar novos conhecimentos, estimular o questionamento e o crescimento por meio da busca da verdade.

Referências Bibliográficas

BOECHAT, C. F.; CASTRO, H. **Falando de sexo com amor**. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Assistência ao planejamento familiar**. Secretaria Nacional de Assistência à Saúde. Saúde Materno-Infantil. Brasília: Cosmi, 1992.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONESP. Normas para pesquisas envolvendo seres humanos. **Resolução CNS 196/96. Serie Cadernos Técnicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 1996. 138 p.

CATONNÉ, Jean-Philippe. **A sexualidade, ontem e hoje**. São Paulo: Cortez, 1994.

CAVALCANTI, R. e CAVALCANTI, M. **O tratamento clínico das inadequações sexuais**. São Paulo: Roca, 1992.

CHERMAN, S. **Sexo x afeto**. O grande desafio. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

CONCEIÇÃO, I. S .C. Educação sexual. In: Vitiello, N. et al., **Adolescência hoje**. São Paulo: Roca, 1988. p.74.

COSTA, M. **Sexualidade na adolescência**. 5 ed. Porto Alegre: L & M, 1986.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II**. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

HIGHWATER, J. **Mito e sexualidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

OSORIO, L. C. **Adolescente hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PANIZZA, L. **Escola em busca do ser: viver a realidade humana e divina**. 3. ed. Curitiba: Vicentina, 1987, p. 275.

PARKER, R.; BARBOSA, R. M. (Org.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

PERNETTA C. **Amor e liberdade na educação da criança**. 2 ed. São Paulo: Byr Prociencx, 1983. p.15.

SUPLICY, M. e col. **Guia de educação sexual**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

VASCONSELOS, N. de. **Amor e sexo na adolescência**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1985.

VASCONSELOS, N. **Sexo: questão de método**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1994.